

TRINHA Livre

À Biblioteca Pública de
Braga

2
JANEIRO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: TERMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF 62113 - AMARES

O Cúmulo da Desfaçatez

No dia 22 de Novembro, as imissoras dos países vizinhos da república da Guiné, fazendo-se eco dos apelos desesperados da emissora de Conacri, onde o sr. Seku Turé não permite a entrada dos jornalistas estrangeiros, espalharam a notícia: a Guiné está a ser invadida por mercenários e por portugueses, saídos de Bissau, e transportados por barcos portugueses.

Seguindo a tática comunista, o presidente guineense repetiu dias e noites, sem interrupção, esta atoarda ciabólica e infame, e pedia a convocação urgentíssima do conselho de Segnança, para condenar Portugal. Logo o grupo afro-asiático preparou uma moção secundante os desejos de Seku Turé, se não foi o mesmo grupo que inspirou e preparou toda aquela trama de mentiras, para encobrir as dificuldades internas em que se debate a república da Guiné desde há longos tempos e para justificar a onda de perseguição que o ditador guineense tem feito aos seus compatriotas da oposição.

Apesar dos firmes desmentidos do Governo Português a qualquer interferência nessa questão interna da república da Guiné, apesar de os principais chefes da oposição reivindicarem para si essa revolta como primeira de um movimento que prosseguirá até à derrota completa

de Seku Turé, apesar das afirmações categóricas de muitos jornais estrangeiros, que contradizem claramente as acusações de Canacri e punham em relevo as contradições da versão guineense, a proposta do grupo afro-asiático foi aprovada condenando Portugal e exigindo uma indemnização ao nosso Governo pelos prejuízos materiais causados em Canacri.

Incapaz de resolver algum dos grandes problemas que afligem o mundo e põem em

perigo a paz entre as nações, o Conselho de Segurança da ONU vai-se entretendo com falsas acusações e votando coisas absolutamente inúteis. Assim vai o mundo sob a tutela das Nações Unidas.

Aquela primeira pirueta ridícula da invasão por mercenários, seguiu-se outra recentemente: o sr. Seku Turé já não quer no seu feudo a missão da ONU para avaliar «os prejuízos sofridos em resultado da agressão».

Agora quer ser o protagonista
«Continua na 4.ª página»

PRESENÇAS SINGULARES

Como se soube, o sr. Mário Soares resolveu reforçar a sua posição anti-portuguesa — já classificada de «traição» pelo Presidente do Conselho e pelo consenso público — dando público apoio a certos alvites inconsequentes formulados em Lusaka. Embora qualificado de «ilustre amigo e colaborador» por um versátil vespertino de Lisboa, não há muito tempo — atitude que filia em posições socializantes e comunizantes assumidas durante as últimas eleições — a triste personagem prossegue, pois, no seu deambular pela estranha, amplamente subsidiada por alguém e habilitada a residir em condições de luxo e conforto.

Em tempo, soube-se, sem

sombra de dúvida, que tivera ajudas financeiras de determinados elementos suecos; depois, houve notícias seguras de que também solicitara apoio de igual género, junto de certas entidades inglesas. Desde então, muita água correu no Tamisa e no Tejo — e muitas coisas aconteceram. Tantas que o sr. Mário Soares só notou algumas. E os «amigos e colaboradores» do sr. Mário Soares só viram as

(Continua na 4.ª página)

Vida pública

Foi a concurso a estrada municipal de Figueiredo a que concorreram várias firmas. O assunto vai ser posto superiormente, para que o início das obras se não faça demorar.

Também foram a concurso os platanos do largo da Feira Nova, que vão ser abatidos.

Os Serviços Técnicos da Engenharia da Junta Distrital voltaram ao local para ultimar o projecto da estrada Besteiros Caires.

Causou a maior satisfação a visita feita ao hospital municipal desta vila pelo senhor Governador Civil que assim quis verificar do que existe e do que é preciso fazer e que aos internados ofereceu cativantes e generosas dádivas.

Por: JOSÉ ANTÓNIO DA SILVA

fica Portugal unido e destemido, de valor inigualável «seja em que canto for» vivi horas felizes, já que não pretendo dizer anos junto deste homem, que faço referência, considerado uma potência em servir o próximo e esmerado no cumprimento, por íntegro, na sua vida profissional.

Sintetizando a biografia deste meu particular amigo, direi;

Homem com cerca de 78 anos, Porteiro do Ministério do Exército «Quartel Mestre General». Dedicou, como já
(Continua na 4.ª página)

O Coração e a Ciência

ao serviço de uma obra benemérita

A data de 10 de Novembro fica indelévelmente ligada a um acontecimento da maior relevância na vida social do País, pois foi nesse dia que se inaugurou em Lisboa o Centro de Reabilitação «Calouste Gulbenkian» da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral. Falemos desta Obra e digamos em poucas palavras o que é e a que se destina e como se levou a cabo.

Segundo cálculos bem fundados em estatísticas, em cada mil crianças há uma ou duas delas atacadas de paralisia cerebral, doença terrível causada por uma lesão de cérebro, a qual se manifesta principalmente por perturbações motoras — paralisia, incoordenação motora, existência de movimentos involuntários, sintomas a que se associam, muitas vezes, perturbações da linguagem, deficiências sensoriais e de percepção e até, em certa percentagem, deficiência mental. A lesão localiza-se no cérebro, especialmente nos centros motores. É uma doença que atinge o cérebro em período de desenvolvimento, antes do nascimento, na altura do parto ou nos primeiros anos de vida e é causada por hemorragia, falta de oxigenação, causa tóxica ou infecciosa.

As perturbações podem atingir apenas um lado do corpo ou só um membro e podem impedir a criança de andar, de controlar os movimentos dos braços e das mãos e de comunicar pela fala.

Para tratar convenientemente crianças atingidas por esta doença exigem-se médicos, enfermeiras, psicólogos,

educadoras da infância, professoras, etc., especializados, para que saibam dar-lhes uma educação de acordo com as suas possibilidades intelectuais, dando-lhes a possibilidade de seguirem uma classe especial, quando não possam frequentar uma escola normal.

Como muitos pais não estão bastantemente esclarecidos ou não têm possibilidades financeiras para realizarem a recuperação dos filhos e também porque não existem centros para tratamento e recuperação desses doentinhos, muitos deles ficavam prejudicados para toda a sua vida, fisicamente ou intelectualmente.

(Continua na 3.ª página)

5.ª COLUNA

No fim de cada ano é costume fazer-se um balanço às actividades decorrentes. Não me vou propor fazê-lo, já por o meu inciclopedia não permitir, já pelo fastidioso do assunto. E eu pretendo, o mais possível não maçar o Leitor. Para maçadas já basta a nossa vida cotidiana, não é verdade?

E veio a propósito falar da vida cotidiana, pois que o facto tem mesmo o seu quê de similar, entre o recreio e o trabalho de que a maior parte vive, embora alguns haja — e ainda são bastantes — que apenas se recreiam. Quanto a trabalho — nicles!... Pois bem! A Emissora Nacional tem um programa sobre
(Continua na 4.ª página)

DR. JOSÉ VICENTE DE OLIVEIRA E CASTRO

Fez, recentemente, concurso para Juiz de Direito, o sr. dr. José Vicente de Oliveira e Castro, que desempenha as funções de Delegado do Procurador da República na comarca das Caldas da Rainha e que, no nosso meio, a que está ligado por vínculos do coração e da melhor amizade, conta sólidas dedicações e muita admiração pelos seus dotes de magistrado lúcido e esclarecido. Nesse concurso o sr. dr.

José Vicente de Oliveira e Castro foi distinguido com alta classificação que em breve o fará chamado ao cargo de Juiz de Direito, função em que, estamos certos, honrará a nobilitante magistratura judicial.

Estudioso, dedicado ao seu mister com devoção, possuidor de um espírito arguto e isento, tudo nos garante na lição do seu passado estarmos perante uma carreira auspiciosa.

1.ª Crónica 1971

Um homem chamado Rosa

Tem como síntese esta crónica falar duma personagem muito humilde mas dum valor «para a Nação» que considero desmedido, tal a grandeza do seu espírito e uma força digna do meu maior apreço.

Falar dum homem que dedica a sua vida quotidiana e profissional à Pátria não é dificultoso para ninguém e muito menos para mim, já que admiro todas essas pessoas com o desejo de me aproximar delas.

Quando envergava a farda verde-rubra, esta que signifi-

Mini - Gazeta

DAVUS - *homem que verseja semanalmente cá em casa -- tem a honra de apresentar o Poema, mais belo que conhece, da quadra do Natal.*

A sua autora, Dona Laura Chaves, é a Poetisa da ternura e do encanto.

Às crianças e mesmo às nossas Leitoras dedicadas ofereço o excelso quadro do Menino Jesus:

A tentação do Menino Jesus

Naquela noite fria de Natal
O Menino Jesus, todo embaçado,
meteu muitos brinquedos num bernal
e partiu para a terra carregado.

Com o bernal às costas, veio, então,
no seu passo ligeiro, miudinho,
como é sabido e conta a tradição,
pôr um brinquedo em cada sapatinho.

E para que um instante a dor humana
em risos de alegria se tornasse,
não houve nem palácio, nem choupana
em que o Jesus Menino não entrasse.

Quando tinha o bernal quase vazio,
meteu lá dentro a pequenina mão
e ao tirar um brinquedo, descobriu
o bojo rebolado dum pião.

«Um pião!» e sorrindo de contente
o Menino Jesus pensou assim:
«Eu dei tanto brinquedo a tanta gente
que posso guardar este para mim.»

Depois hei-de pedir à Lua cheia
um fiozinho de luz para o deitar...
E e Deus menino só com essa ideia
pôs-se a bater as palmas e a cantar.

Quando, já despejado o seu bernal,
muito feliz, ao ceu, Ele volvia,
viu, deitado nas pedras dum portal
um pobre rapazinho que dormia

E agora? Nada tinha que lhe dar!
Só se fosse o pião... Mas... Tão bonito!
E o Menino Jesus, quase a chorar,
lá o deixou ao pé do rapazito.

Depois subindo ao ceu, a cada passo
olhava para baixo, para o chão,
e com o olhar atravessava o espaço
para ver se avistava o seu pião.

Desde essa noite é que o Menino Deus
passou a andar com a face abatidinha...
Nem já corria, alegre pelos ceus...
ninguém sabia o que o Menino tinha!

Nossa Senhora carinhosamente,
perguntava-lhe, morta de cuidado:
«Que tens tu, meu amor andas doente?
Porque é que o teu olhar é tão magoado?»

E o próprio Santo António, comovido,
por lhe querer, talvez, como ninguém,
ao beijá-lo dizia-lhe ao ouvido:
«Conte ao seu amiguinho o que é que tem...»

«Não tenho nada», — respondia ao Frade;
mas ao Santo causava-lhe estranheza
ver os seus olhos, cheios de saudade,
sempre fitos na Terra com tristeza.

Até que certo dia, o nobre Santo
buscando-o inutilmente, espavorido,
começou a gritar, banhado em pranto,
que o Menino Jesus tinha fugido.

Que alvoroço, que dor, que relação!
A Virgem Mãe, chorando o seu destino,
pediu ao Santo, louca de aflição,
que fosse procurar o seu menino.

Santo António partiu De terra em terra,
notícias do Menino perguntava;
nem a gente do campo, nem da serra
lhe sabia dizer onde ele estava.

Acção Nacional Popular

discurso proferido na Assembleia Nacional pelo dr. Manuel Cotta Dias

Sr. Presidente,
Srs. Deputados:

Vai adiantada a apreciação pela Câmara, na suas comissões e no plenário, sobre a generalidade da proposta de lei de autorização das receitas e despesas para 1971.

Não pretendendo transformar-me em interventor habitual na discussão de tal proposta, pareceu-me nesta altura indispensável alinhar sobre ela algumas notas.

O trabalho intenso a que se procedeu no âmbito das comissões viu-se beneficiado por exposição muito elucidativa do sr. Ministro da Economia e Finanças acerca dos objectivos e propósitos que o Governo teve em vista ao formular a proposta nos termos em que o fez.

Foi grande o interesse que nos Deputados suscitou a presença do Ministro na reunião conjunta das Comissões de Economia e Finanças, em continuidade, aliás da prática por ele iniciada no ano anterior. E esse interesse traduziu-se significativamente pela assistência, à reunião mencionada de número apreciável de Deputados que não pertencem a tais Comissões.

Permito-me sublinhar o facto pela convicção em que estou de grande utilidade dos contactos directos entre os membros do Governo que inspiram determinada proposta de lei e as comissões parlamentares que sobre ela devem regimentalmente pronunciar-se.

É esse, com efeito, e com o benefício da presença do Governo o primeiro lugar e talvez o lugar mais próprio para, na ordem técnica, levantarem problemas e equacionarem dúvidas as pessoas que construtivamente queiram encaminhar aqueles para a solução e estas para o esclarecimento. E é também aí que os técnicos, dominados e exclusivamente dominados pela preocupação de uma análise aberta e objectiva, podem contribuir, de forma extremamente válida, para a melhoria e clarificação dos esquemas e das normas que se propõem e colher glórias menos eféme-

ras do que as que resultam da exploração política, de questões que, pela sua tecnicidade intrínseca, a ela se deveriam considerar subtraídas.

No caso da lei de meios para 1971, a exposição do Senhor Ministro das Finanças, ampla e precisa, e os esclarecimentos que no debate subsequente nos facultou, foram, como aliás no passado ano exemplo frisante da utilidade que referi.

A proposta em exame aparece inteiramente informada pela concepção fundamental a que o Governo já fizera obedecer a respeitante ao ano precedente e que mereceu a esta Câmara juízo de muito apreço.

A preocupação de explicitamente inserir nas grandes linhas de orientação económica e financeira a política de curto prazo e os objectivos conjunturais que o Governo se propõe vê-se, com efeito, confirmada e mesmo ampliada. Saudemos o quanto essa atitude programática, sinónimo de maturidade e de segurança governativas, contém de salutar e facilita a objectiva apreciação pelo país, e pela câmara da política se anuncia. Por mim, faço-o convictamente, como no passado ano, embora, como nele, não possa deixar de insistir em que tal apreciação não será inteiramente esclarecida sem informação pormenorizada sobre a conjuntura ultramarina, que empreste à lei anual a projecção nacional que as ligações interterritoriais, consequentes da inalienável unidade do espaço económico português, evidentemente impõem.

E não será deslocado insistir também nas sensíveis limitações a que a execução dos esquemas propostos naturalmente ficará sujeita por dificuldades de coordenação em domínios essenciais, em que a competência e a acção, repartindo-se por vários ministérios, pode levar a comportamentos desligados e a desfazamento ou desconexões na intervenção governativa, que se desejaria unitária e

sistemática. São, assim manifestas, por exemplo — e já o disse no ano transacto — as inter relações entre a política económica e financeira e a política dos salários, do emprego e da emigração; entre a indispensável aceleração do investimento, que o relatório da proposta de lei de meios justificadamente situa na primeira linha das preocupações do Governo, e a orientação dos recursos canalizados através do seguro social; entre a revisão da estrutura e funcionamento dos circuitos comerciais e a política de transportes.

A coordenação, nestas e em outras matérias, ao nível dos departamentos governamentais e dos numerosos serviços que directamente intervêm ou indirectamente influem na concepção ou execução do planeamento, constitui, com efeito pressuposto essencial da viabilidade e do êxito de qualquer programa, seja qual for o seu grau de realismo e a sua consistência intrínseca.

Para além das duas considerações de fundo que ficam alinhadas — a primeira a pedir maior correspondência entre a lei de meios e a globalidade de conjuntura efectiva do todo nacional, a segunda a apontar para um constante aperfeiçoamento estrutural e funcional da máquina administrativa e governativa, — uma terceira observação caberá ainda no âmbito da generalidade.

Mais uma vez se referiu a ausência de dados estatísticos que permitam conhecer, dentro de limites de segurança aceitáveis, o comportamento dos principais agregados macro-económicos relativos à economia nacional em 1970, e nos quais possa alicerçar-se, com a mesma relativa segurança, a perspectiva do comportamento dessas variáveis em 1971. Apesar dos progressos verificados nos últimos anos em matéria de instrumentos de análise e de previsão económica, nomeadamente pelo que toca aos dados de contabilidade nacional e aos modelos de médio prazo utilizados pelo plano, muitos elementos basilares não puderam ser investigados nem considerados, pelo menos em termos satisfatórios, o que leva a Câmara Corporativa a reputar imperioso que, no futuro, venha a dispor-se, em tempo oportuno, das informações que lhes respeitam.

(Continua no próximo número)

Visado pela Censura

E resolveu, por fim, ir à cidade talvez lá tivesse ido passear!
mas por mais que corresse, o bom do Frade também não foi capaz de o encontrar!

Tinha o Santo perdido toda a esperança quando num beco sórdido e sem luz vibrou um riso alegre de criança que ele reconheceu ser de Jesus.

E Santo António cheio de alegria aproximou-se, então, devagarinho, e viu que o seu Menino ria, ria, a jogar o pião com o pobrezinho.

LAURA CHAVES

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Os sinapismos de mostarda eram muito usados na antiga farmacopeia portuguesa. Qualquer tumor maligno obedia à violência milagrosa da mostarda, e o doente ficava curado sem se esquecer do martírio porque teve de passar.

São eficazes alguns dos novos remédios descobertos pela ciência biológica moderna. Caminhamos assim para a imortalidade do corpo. Pouco falta para que outras medidas sejam tomadas para exterminar tanta gente no mundo que acabaria por morrer de fome. A melhor maneira de resolver o problema a contento de todos é a vida continuar como começou com o devido cuidado nos actos que se praticam para evitar as agonias que tantos sentem por não quererem usar a medicina religiosa que Cristo nos ensinou. Os novos rumos da sociedade, violenta e desejosa de goso e vida fácil, é um sistema de que não será descoberto remédio para evitar a morte.

A juventude actual, principalmente a estudantil assim pensa e forma blocos para protestar contra as dificuldades e contra os antigos remédios que deviam ser respeitados pelos resultados já obtidos. Não se lhe pode fazer a vontade. A medicina antiga tem de ser usada e a essa mocidade que sofre da doença do goso tem de ser aplicados sinapismos dessa mostarda para acabar de uma vez para sempre o tumor maligno do inconformismo com as normas de uma civilização baseada no respeito às tradições.

Amadeu Cesar desapareceu do rol dos vivos. Li na Tribuna essa infausta notícia. Homem de um só rosto e de uma só fé. Lia sempre com agrado os seus escritos cheios de bondade e altruísmo a mostrar uma alma bem formada e inalterável. Os homens só se conhecem pela palavra escrita ou falada.

Não o cheguei a conhecer. Pelo que li, esse devotado nacionalista emigrou para o Brasil refugiado às perseguições políticas dos perigosos e desenfreados democráticos que não admitiam dentro de Portugal outra facção política senão aquela que eles praticavam à última hora. O Brasil era e ainda hoje é o refúgio pacífico de todas as raças, de todos os credos políticos e religiosos. Lá toda a gente tem, com o devido respeito, a liberdade de pensamento e de acção. A sua vastidão territorial, essa jóia do continente americano, a maior nação da América

do Sul, é uma das maiores glórias da raça lusitana.

Estar lá ou estar aqui não há dificuldades linguísticas nem sociais. Porisso Amadeu Cesar, eu e milhões de portugueses iam para esse paraíso porque nas suas asas voamos todos, voam raças do mundo todo para atingir o sonho que se desfaz quando a riqueza monetária tenha sido o motivo da debandada.

No Brasil nada se mistura mas tudo se respeita. Dentro da alma de cada filho de Deus está um mistério confidenciado. Não é a ciência política ou religiosa que o desvenda. Tudo no mundo é limitado. Desde a vida do homem e dos seus prodígios há o obstáculo do mistério em que todos andamos envolvidos.

Amadeu Cesar foi forçado a fugir para o Brasil por convicções políticas das quais nunca abdicou o regresso à pátria mais rico em dignidade e conhecimentos porque ficou a saber as verdadeiras dimensões da sua e nossa pátria. Esse Brasil, essa África e esses pedaços que ainda são nossos e outros que nos levaram os amigos de hoje, representam uma faceta orgulhosa da raça lusitana. Conseguiu esse homem trazer ainda cultura que o levou a ser em Vieira do Minho escrivão de direito do tribunal. A vida dele foi parecida com a minha por ter percorrido os mesmos caminhos menos a emigração porque o meu embarque voluntário destinava-se a procurar a árvore das patacas que encontrei ressequidas e a cheirar a chamusco e convenci-me que lá as coisas no capítulo fortuna dependem muito do escrúpulo embora excepções raras definam a qualidade do homem que sabe repudiar, que sabe valorizar a sua pessoa e a sua raça. E desse quilate também lá estavam muitos à espera de uma aleluia.

Elísio Gonçalves

DE VISITA

De visita a sua família e sogros encontra-se entre nós o sr. Agostinho de Jesus Gonçalves Fernandes, nosso assinante, bem como sua esposa e filhos, que de França, onde residem, vieram matar saudades e passar a quadra natalícia.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviar as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Ontem, dia 1, festejou mais um aniversário natalício o sr. José dos Santos Meneses.

No dia 3 passa o aniversário do sr. Rosalino Meneses.

No dia 5 a menina Izabel Maria e Natália Lourenço.

No dia 6 o sr. José Joaquim de Costa Azevedo.

Grande nevões pintam o

Concelho de Branco

São raros, raríssimos mesmo, os nevões no nosso Concelho, mórmente quando são de maneira a cobrir com espessa camada de neve o solo.

Pois no passado domingo fomos despertados por um desses nevões como já não víamos há cerca de oito anos. Cerca de 3 horas a neve caiu continuamente e findos elas tudo estava branco.

As carreiras foram suspensas e os telefones ficaram sem tocar, a dar-nos ideia de estarmos cortados do resto do País. Só no dia seguinte as comunicações se restabeleceram. Muitos desastres ficaram a assinalar o efeito, mas vá lá, só prejuízos materiais.

Cenário raro, até pela quantidade que há quem diga só se ter verificado há 30 anos.

Mas a supreza foi maior ao verificar-se, na passada quarta-feira, nova queda de neve. Não um tanto tempo de queda mas em maior quantidade, ficando tudo ainda mais branco.

Cenários lindos, mas que nos trazem um pouco cansados com tanto frio, pois se vai dizendo com propriedade que não há memória de tanto frio.

Tanto frio e tão pouca água, pois não chove e estamos com as nascentes secas, como não há lembrança.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

O Coração e a Ciência

ao serviço de uma obra benemérita

«Continuado da 1.ª página»

Graças a um grupo de boas vontades, esse terrível problema começou a ser encarado de frente e com decisão. A Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, fundada em Abril de 1960 e constituída por pais de crianças lesadas e por técnicos de paralisia cerebral, entrou no bom caminho da solução desse grave problema, iniciando consulta externa e um semi-internato, numa avenida de Lisboa. A Misericórdia de Lisboa e vários departamentos estatais deram a essa feliz e caratativa tarefa todo o apoio moral e o possível auxílio financeiro, mas em Março de 1963 obteve o primeiro incentivo da benemérita Fundação Gulbenkian, até que em Julho de 1965 para comemorar o 10.º aniversário da morte desse Homem extraordinário, que escolheu o nosso País como sua Pátria adotiva, concedeu novo subsídio, para construção de um Centro de Paralisia Cerebral com capacidade para assistir e tratar maior número de crianças e com o material técnico necessário ao seu proveitoso e

eficiente funcionamento. As verbas oferecidas pela mesma Fundação elevaram-se quase a treze mil contos. A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Direcção-Geral de Assistência e a Direcção-Geral dos Hospitais concorreram também com verbas mais substanciais, a Câmara Municipal de Lisboa cedeu o terreno, o Ministério da Educação Nacional resolver criar mais duas classes com o encargo das respectivas professoras, e assim se tornou consoladora realidade o Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian, com a sua sede na Avenida Rainha D. Amélia (à Quinta das Mouras).

Há coisas novas no nosso País e esse Centro é uma delas e nele podem encontrar a cura ou melhoras muitas das quinze mil crianças que se calcula haver em Portugal, afectadas por essa doença.

Graças a Deus que permitiu criar-se o clima social e o ambiente humano em que podem germinar ideias tão caritativas e, o que é muito mais, levá-las a seu e sua plena realização. — M. V. G.

Um homem chamado Rosa

(Continuação da 1.ª página)

disse, a vida ao bem servir, ingressou no exército quando para cumprir o serviço militar. Jamais uma farda deixou de lhe entrar no corpo. Passou pela Guarda Nacional Republicana (tenho ainda a impressão que figurou na P.S.P.) e, há cerca de 30 anos passou para porteiro (tendo estacionado algum tempo como contínuo).

Hoje, mesmo ao serviço, vive assoberbado pela idade e por uma forte doença que assiduamente o acompanha. (Reformado, que é «uma reforma que, infelizmente, não lhe dá para viver com a sua esposa», os números rondam uns 750\$00 mensais. Mas disto ninguém tem culpa) e vê-se obrigado a degredar as forças para que a sua famigeração possa ser admirada pelos seus vindouros e amigos. Por mim, é de certeza!—Sinto-me consternado por sentir que nada posso fazer e ajudar este homem, como ele tentou ajudar-me.

Ainda, hoje, é admirável pela sua personalidade, pelo desejo de bem servir, não só os colegas e amigos como também o seu trabalho, duma maneira extraordinária!

Quantas vezes eu lhe dizia;

Senhor Rosa, hoje vamos ao cinema e também nos concateia sua espede! Quase sempre me respondia: Não Silva! não vou, porque po te ser necessário alguma coisa ou virem por aí os meus superiores e não me encontre cá? — Replacava eu; Mas hoje, é Domingo... feriado, etc. ! É o mesmo! Esta é e foi sempre, a minha vida, nunca ninguém me chamou à repreensão de nada e não quero que isso suceda no fim da minha carreira!

Por tudo isto, o Leitor já pode fazer uma ideia do que é este homem. É pena que com esta idade ainda tenha que trabalhar. Pois, um desprovido como ele, vê-se na emergência de angariar meios para não passar por uma crise chamada miséria! É a vida dum homem que luta...

Se o conteúdo desta crónica chegar à profundidade do sentimento e bondade do Leitor e quiser saber de quem se trata, escreva para, Bernardo Rosa, R. Rodrigo da Fonseca 180 r/c - Lisboa-1. Caro Leitor:

Visado pela C. de Censura

História do Amor

Num sábado, quando a noite permuta a claridade diurna, a chuva bafejava intensivamente e o enevoamento retia a invisibilidade, assim desponta o célebre reencontro.

Nesse dia, que mais se afigurava adivinhar o consternamento do que o próprio contentamento, eis que «António» sentado na sala de jantar, de sua comadre, acolhe a visita de «Conceição», inesperadamente. Eles que se encontravam demolidos do seu primeiro amor haviam-se reencontrado!

Assoberbados pelo pezo dignaram cumprimentar-se! No ímpeto surge a voz de «António» estás mais magra e diferente?!

Irresoluta com a pergunta «Conceição» de olhos perpendiculares, ao chão, lhe responde:

Também estás modificado?! A convivência dos dois fez um ajuntamento da família, da comadre de «António»!

Enquanto o lanche se processava o casal citava palavras de aprazível acordo, sintetizando as lamentações do que aconteceu durante todo o período em que demoliram o namoro. Após o lanche já a noite se encontrava no seu lugar, «António» convida sua «companheira» para o acompanhar no per correr das ruas da cidade. Ela não se fez esquisita e acompanhou mesmo «António»!

Na rua quando caminhavam a passos lentos mas firmes eis que desponta o diálogo entre eles.

Alegria do par, era extraordinária!

Cerca de cinco anos de ausência era motivo para haver que citar. Então «António» resolve a ser o primeiro a fazer a interrogação:

Como foi possível a nossa separação, por tanto tempo?

— Como foi bom este nosso encontro após tanta ausência e sofrimento, retorquiu Ela?!... e acrescentou, a existência daquela quezila e doutras moças desmorenou totalmente a ideia de que voltasses, novamente!

Uns breves momentos passados, e quando a noite já era motivo de separação, decidiram dar as boas-noites, prometendo fazer a continuidade do diálogo no dia seguinte (Domingo) Tal aconteceu!

A hora aprazada os dois voltaram a encontrar-se.

«António», primoroso, como sempre, convida «Conceição» assistir a uma sessão de cinema a que «Esta» deu como refutação o gosto de sua companhia.

Durante a projecção do filme, os dois se encontravam paralelos e perplexados pela coincidência, de vez em quando os sorrisos substituíam as palavras.

Anos decorridos, este casal tinha-se namorado cerca de dois anos e houve então

a quesília que lhes cortou a meta, durante quase cinco anos. Segundo, eles dizem, que até nesse período se namoraram em pensamento!

Após, esse Domingo, os encontros voltam a sucederem-se e agora já surge o alarme de que sempre sonharam, o matrimónio!!! Este laço insolúvel que jamais poderá ser demolido.

Ambos vivem felizes e justificam, plenamente, o amor que corresponde à sua dignidade.

O consternamento foi compensado e o intervalo deu a conhecer que a esperança é uma forte saudade!

— Não se iluda, apreciada Leitora. Saiba esperar pelo amor que à sua dignidade possa corresponder, como foi o caso de «Conceição» e «António». Os dois lutaram para conhecer novas directrizes de (amor) mas o resultado foi profundamente negativo e agora voltarão a unir-se porque verdadeiramente só se ama uma vez!?

Termino. Já não sinto as mãos de esfriadas. Estou a fazer esta crónica sentado numa pedra da Serra do Geréz! Com esta... temperatura! Que loucura... e amor à arte!

Tenha cuidado, estimada Leitora. No entanto o seio deste artigo corresponde integralmente a um caso passado com o meu irmão gémeo!

Para voz, Leitoras, o autor da crónica deseja vos um Novo Ano Feliz e que o próximo seja um ano de progresso, de muitas conquistas e de sucesso à mercê dos vossos inigualáveis desejos.

«São igualmente os votos de Tribuna Livre.

José Antonio da Silva

5.ª COLUNA

(Continuação da 1.ª página)

Teatro, que pode considerar-se modelar. Raramente o ouço. Desta vez, porém, acertei em cheio por ter tido tempo para a audição. Ouvi e, como de costume quando o ouço, fiquei satisfeito. Mas o que mais me importou foi a entrevista-relâmpago com a conhecidíssima atriz Hortense Luz, já bastante amargada nos seus setenta anos de idade e com 57 de trabalho atuado de Teatro.

Várias vezes tenho pensado e algumas falado sobre a crise de Teatro de que Portugal se queixa invariavelmente, porquanto, desde que me conheço, dela sempre tenho ouvido dizer. É a meu ver tal circunstância deve-se a dois factores de suma importância: — a qualidade dos artistas; a qualidade das peças em cena. Dos artistas porque três ou quatro, ou mesmo dois formam uma companhia. Misturam o seu excepcional talento com mediocridades e levam à cena uma peça, cujo categorizado autor, não pode ombrear com as qualidades dos actores — a não ser os titulares da companhia. Daí, o público desinteressar-se. Outrossim, o facto das peças em representação constituíam dramas que o público hoje, o tal da vida cotidiana, não está para aturar. Basta o seu drama íntimo que já chega bem.

Ora, Hortense Luz, na entrevista que eu ouvi — ela uma artista com 57 anos de Teatro — disse sensivelmente o mesmo que eu penso há anos. E aí tem o balanço deste ano. Leitor, sobre Teatro. O resto é consigo. Concordar ou não com o saldo...

EME ABRIL

Visado pela C. de Censura

Jesus Nasceu

No turbilhão daguerra do homem fera,
Nasce Jesus Senhor feito Cordeiro!
E vem anunciar ao Mundo inteiro
O Amor que no Seu peito então se geral!

E n'ambição do homem feito Herodes
Gera se a Cruz Simbólica do crime!
E O pequenino Ser que nos redime
Envolve a Natureza em puros Odes!

E Jesus volta e nasce em cada ano
No peito do homem que lhe estende a mão!
E enquanto em terra soa o vil canhão
Jesus, O Manso, desce um novo pano!

Cessem as guerras, que nos Céus há luz,
E cale-se o furor das ambições!
Desça o calor aos nossos corações,
Porque em Belém, Senhores, nasceu Jesus!

Gota d'Orvalho

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

O Cúmulo da desfaçatez

(Continuação da 1.ª página)

nista desta desfaçatez e que ele (ou alguém por ele) exprimiu nos seguintes termos: «a única reparação aceitável para o seu povo e pelos povos africanos é e continuará a ser a proclamação imediata da independência nacional dos territórios africanos de Angola, de Maçambique e da Guiné-Bissau.»

Vendo o seu mando despótico posto em grave perigo no interior da república guineense e os seus créditos entre os outros estados africanos irremediavelmente perdidos, Seku Turé, como bom comediante que deseja ser, orquestrou toda essa conspirata, para se apresentar na ONU como vítima dos portugueses, para reforçar o seu poder pessoal e para justificar o descalabro económico e financeiro e finalmente para refazer os seus créditos no Continente africano e se arvorar em seu condutor e fautor de independências.

Como fiel imitador dos

autores de raptos e como consumado chantagista, que por um infeliz caído nas malhas dos seus planos exigem a libertação de centenas de criminosos da pior espécie ou somas astronómicas de dinheiro, assim o presidente guineense pede agora esta coisa incrível: que lhe dêem num prato a cabeça de tantos portugueses metropolitano e africanos que vivem e trabalham sob a bandeira nacional naquelas três províncias ultramarinas! Só lhe esqueceu Cabo Verde e os Açores para ficar completo o trampolim sobre que o comunismo internacional lançaria o seu ataque mortal ao Continente americano.

Quando é que o organismo onusino deixará de ser cúmplice e mandarinete destas farsas indecorosas e repugnantes? Já era tempo de procurar libertar-se de autores destas brincadeiras de mau gosto em que o enleiam e comprometem.

M. V. G.

PRESENCAS SINGULARES

(Continuação da 1.ª página)

que tinham mais perto dos olhos.

Por parte destes últimos, houve, ao que consta, um repentino interesse por factos do Ultramar, e só assim se compreende a repentina aparição de dois deles na capital de Angola, em termos que causaram surpresa e gerais reparos. Se sempre tomaram posição contra a defesa do Ultramar (contra a política da coesão dos portugueses) se chegaram a tornar-se arautos do entreguismo e fautores da acção desmoralizadora das resistências morais da Nação como se explicaria essa brusca presença em terras que nunca mereceram as suas atenções «solicitas»? Qualquer interesse os moveria.

Não tardou que se reconhecesse que de forma nenhuma a inopinada visita exprimia intenções diferentes das reveladas anteriormente. Foi, aliás, depois disto que o «ilustre amigo e colaborador» dos «visitantes» de Luanda renovou a pública afirmação anti-portuguesa (e, sobretudo, anti-ultramarina) em terras estrangeiras, insul-

tando mais uma vez o povo entre o qual nasceu e renegando o sangue que tem nas veias.

São singularidades que convém não perder de vista — porque traduzem sempre um propósito oculto. Se, por um lado, exprimem complacências e manobras frontais, por outro não passam de tentativas de flanco ou esforços para se concretizar uma infiltração ou mesmo a conquista de posições influentes...

Nada de novo, no fim de contas. Salvo erro, estas artimanhas, com ou sem ajuda interna, já entraram na longa lista dos ardís aplicados contra nós. São iguais a outras que, em tempo, chegaram a causar alguma confusão. Simplesmente, a nossa marcha prossegue, a nossa luta não esmorece, a nossa determinação não abre «brechas» por onde gente de tal índole possa penetrar e instalar-se. Que o sr. Mário Soares e os seus auxiliares ou associados falem ou estejam silenciosos, a determinação nacional em nada se deixará abalar. Temos muito que fazer. Muito que construir. E é isto o que mais importa! — D.C.

ATOMIZADORES TRIUNFO

Equiparados com motor Casal

Agentes para o Concelho de Amares

José Joaquim Leite, Filhos, L.da

Largo Dr. Oliveira Salazar — Telefone 62159 — AMARES